

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.402

Quarta-feira, 20 de Junho de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e 3.º Andares — LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE — 5336-6

Officinas de Impressão — Rua de Atalaia, 114 e 115

Faz-se sentir em vários pontos da cidade uma gravíssima falta de água. O director da companhia é que não tem falta de honorários fartos.

## O povo tem sede!

SEMPRE a mesma dança, a mesma macabra falta de água. Já nos bairros mais altos da cidade a água escasseia nos contadores e as companhias dos operários vêem-se na dura necessidade de ir ao chafariz mais próximo, como nas aldeias, esperar longamente que lhes caiba a vez para encher um cântaro de água que mal chega para os cosinhados modestos.

Há três anos que a Batalha vem atacando enérgicamente este problema e a União dos Sindicatos Operários de Lisboa não tem poupado os seus esforços no sentido de compor os poderes públicos a meter na ordem a Companhia das Águas que, comprometida por contrato, a fornecer água à cidade de Lisboa, trai criminosamente aos seus compromissos, fornecendo-a escassa e má.

Só por ironia se pode falar de problemas de higiene numa cidade onde não há água. A nova vereação que entrou com rompanentes de leão para os fauleuilla da Câmara Municipal, já teria pensado a sério neste grave problema? Querá imitar a triste figura que a outra vereação fez?

A presente situação não pode ser mantida por mais tempo. Proclamar a resolução de um importante problema como é o do abastecimento de água, é dar provas do máximo desleixo — desleixo que roça pelo crime, visto que a Companhia está vivendo abusivamente do desleixo do governo, da Câmara e do próprio povo.

Quem se está rindo da paciência do povo e do desleixo dos governos é o sr. Carlos Pereira que chora a pobreza da Companhia que não tem recursos para organizar um satisfatório abastecimento de água, mas possui rendimentos para dar-lhe fabulosos ordenados e pagar-lhe automóvel. E o povo que morra à sede.

## Perseguição acintosa!

O tenente Sousa Azevedo, há longo tempo preso sem culpa formada, é desterrado para Bragança

O tenente miliciano Alfredo de Sousa Azevedo, a quem por mais de uma vez nos temos referido e que, há longo tempo se encontra sob prisão em virtude de gravíssimas acusações que fez ao general Correia Barreto e coronel Freiria, enviou-nos cópia da exposição que enviou ao promotor da justiça e audiência do 1.º Tribunal Militar e ao Parlamento, a qual passamos a reproduzir: «Alfredo de Sousa Azevedo, 3.º oficial dos correios e licenciado do exército (tenente), como todo o cidadão (excepto os inválidos), convocado extradiariamente, contra as leis da República, por ordem ilegal e arbitrária do sr. ministro da guerra, acusado falsamente de desertor (como em tempo competente exuberantemente provára) estando há já oitenta e cinco dias (85) sem culpa formada, e à disposição desse digno, venerando e honrado Tribunal Militar, para responder por motivos ainda incógnitos e desconhecidos, vem participar a v. ex.ª que o sr. ministro da guerra ordenou a retirada do requerente para Bragança, ficando assim o requerente completamente fóra da alçada do

mesmo Tribunal, completamente coacto, e inteiramente impossibilitado de apresentar testemunhas, esclarecimentos, bem como a defesa contra a falsíssima acusação que ao requerente se lhe pretende fazer; outro sim impossibilitado fica o requerente de apresentar as provas dos crimes cometidos pela sr. ministro da guerra crimes estes, de que nos Tribunais apresentou as competentes queixas, e de que esse Tribunal Militar tem também já conhecimento, os quais ficaram assim encobertos.

Nestes termos e pelo exposto estando o requerente com todos os seus direitos coartados, direitos de defesa e acusação, direitos estes garantidos pelos n.ºs 20, 21, 30, 31, 37, 38 do artigo 3.º da Constituição Política da República, assim o comunica a v. ex.ª declarando que não poderá prestar mais declarações enquanto não forem garantidos todos os seus direitos que presentemente, e por excepção, lhe estão coartados por ordem do sr. ministro da guerra. — Lisboa, em 18 de Junho de 1923. — Alfredo de Sousa Azevedo, voluntário, ferido da Grande Guerra.



## A questão internacional

Resposta dos sindicatos confederados à circular n.º 32 da C. G. T.

Pela adesão à A. I. T.

Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar do Porto e Gaia.

Trabalhadores das Fábricas de Contervas de Setúbal.

Corticeiros do Porto e Gaia.

Textis da Covilhã.

Chapeleiros de Braga.

Pela adesão à I. S. V.

Alfaiates de Lisboa.

Cesteiros de Gancalo.

Resumo até hoje:

Pela adesão à A. I. T. .... 97

Pela adesão à I. S. V. .... 6

Aguardam congressos corporativos. .... 4

Torna-se indispensável a resposta breve dos restantes sindicatos.

## A revolução búlgara

A Iugoslávia não intervirá militarmente

BELOGRADO, 19.—O sr. Nintchitch, respondendo a uma interpegação que lhe foi feita no Parlamento, acerca dos acontecimentos da Bulgária, respondeu que a intervenção militar estava absolutamente posta de parte. Elogiou a atitude da Roménia e da Tchecoslováquia e terminou dizendo que estava convencido que o governo de Sofia respeitaria os Tratados, porque se não fosse isso lhe acarretaria graves consequências.

A Grécia reconhece o novo governo

ATENAS, 19.—O governo deu ordem ao seu ministro em Sofia para entrar em relações com o novo governo búlgaro.

## Rebeldias

Nunca aplaudi uma infâmia. Nunca defendi um assassinato. Sou, por via de regra, contrário a todo o castigo, sobretudo quando demasiadamente violento. Provo deste modo o meu ardente tolstoiismo, de que sempre hei de orgulhar-me.

Hoje, porém, venho abrir uma excepção. Venho confessar que a notícia telegráfica da morte violenta do ditador búlgaro, desse Stambolisky mil vezes amaldiçoado, me encheu de regosio.

Por ódio? Não, por amor. Por amor da humanidade, pelo afecto que dedico aos meus semelhantes. Há momentos de ódio sublime. Há ódio que é feito de amor. Há indignações que dignificam, que elevam as almas!

O miserável! O inérito malvado! O inesquecível bandido! O monstro que, em frente do inimigo de ideias, não tinha, não podia ter, a mais infima parcela de sentimentos humanos!

Este Stambolisky de odiosa memória tinha bofes de iena, incontestavelmente. Todo aquele que tivesse a ousadia de combater a sua atitude de bandido, tinha a sentença lida: o fustigamento sumário e inapelável. Grande monstro! Infamíssimo opressor!

Eu mesmo estranho esta linguagem, saída da minha pena linguista, que sempre defendeu a tolerância; é que a minha indignação subiu de ponto ao ler o relato, publicado neste valente porta-voz de ideias, das infâmias do ditador oriental.

Ninguém pode sentir ferida a sua sensibilidade, por maior que seja, ao saber que tombou um chacal que, dum só vez, por motivos não graves, mandou fusilar 17 homens nobres, idealistas generosos.

Os vários «Nemora» do mundo, morde-neste momento os beijos de raiva, mas a humanidade, que quer caminhar, tem nesta hora um momento de alívio. Quando os monstros desaparecem do palco da vida, ficam os corações desoprimidos...

Gonçalves CORREA

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Duas revoluções

O Rebele aponta a existência, em preparação ou em fermentação de duas revoluções. Duma delas sabe-se ter por programa a validade pessoal dum político caído no descrédito e a outra destina-se a criar uma ditadura fascista. O facto de existirem duas revoluções ao mesmo tempo faz recordar a história das duas moscas dentro do mesmo asucareiro. A da validade pessoal dum político não merece importância para discussão, tam mesquinha e vergonhosa ela é. Quanto à que pretende impor ao país a ditadura fascista que não passaria duma sidonada sanguinolenta, de certo encontrará pela frente a combatividade das forças da liberdade para não consentir uma ditadura de pigmeus. O fascismo em Portugal nem sequer teria a latitude que teve em Itália. Basta saber-se que todas as tentativas neste sentido realizadas tem caído pelo ridículo tam ridiculas elas se apresentaram e tam ridiculas eram os seus mentores.

### Filantropia católica...

Na Epoca o sr. C. Moita defende vários meios tendentes a alisar a igreja, os peizes que dela se afastam, trocando-a por brincadeiras, ao sr. livre, próprias da sua idade. Um desses meios consiste em criar recreatórios a fim das crianças a eles arrastados pelo pretexto da brincadeira, se embrutecerem na fé religiosa. O intuito de refinada velhacaria que isto revela é evidente. A imaginação monstruosa dos católicos militantes, tem sempre em vista, acima de tudo, a crença em Deus. Neste caso que é o das crianças pretendem desencantar as quintas e domingos do seu trabalho escolar, a mesma ideia monstruosa se verifica. Entendem os católicos militantes de que para este caso o sr. Moita se fez propagandista que as crianças não devem ter folguedões nos dias em que justamente descansam. Esses dias devem ser consagrados a Deus — a essa personagem fantástica, terrível e odiosa.

### A eterna loucura

Lemos a prisão dum cocheiro russo que assassinou cerca de 30 pessoas. O móbil dos seus crimes não foi o roubo. O cocheiro em questão era pessoa muito religiosa. Alegou que matava por reconhecer que todos os homens são maus e estúpidos. Trata-se certamente dum anormal, dum doído. Mas, mais perigosos que este doído, não serão aqueles que supõem conduzir os homens à felicidade, subjungendo-os, martirizando-se só pelo facto de não compreenderem a felicidade que lhes é imposta por meio da tirania?

### Memórias dum hospede

Cristiano Lima, nosso camarada de redacção, escreveu a «Novela Sucesso» publicou um interessante trabalho literário que tem o título de «Memórias dum hospede». A Batalha publica hoje na terceira página alguns trechos dessa novela, para os quais chamamos a atenção dos nossos leitores.

## A vontade dos inquilinos de Lisboa

O povo de Lisboa, que no comício realizado no Eden-Teatro, demonstrou estar de alma e coração com a União dos Sindicatos Operários, animou-a a promover outro comício público em lugar mais amplo, onde todas as vítimas dos senhorios possam expandir largamente a sua indignação contra os proprietários.

A atitude enérgica do povo deve servir para o parlamento não legislar de ânimo leve sobre a questão do inquilinato. O povo pretende que na nova lei sejam respeitados os pontos de vista consubstanciados na moção do U. S. O.

Se o parlamento não quizer demonstrar mais uma vez que trai, em lugar de respeitar, a vontade popular, agirá de forma a satisfazer plenamente os direitos dos inquilinos, vítimas de todas as infâmias e vexames.

## CERCA DE 20.000 CONTOS!

E' quanto o Estado está gastando com o célebre empréstimo nacional

Os afiliados vão começar a mastigar—Escutemos o ruído da mastigação—Uma operação ruínosa para o país —

«Portugal é lauta boda onde come a malta toda!»

Sabem os leitores quanto se propõe o governo gastar já, de entrada, com o tal empréstimo que os jornais para aí andam a elogiar com letras gordas e grandes artigos?

Simplesmente uma bagatela, uma ninharia, uma insignificância—apenas 19.220.000 escudos.

Porto de vinte mil contos para quê? O decreto que a seguir publicamos na íntegra explica, explica tudo—sem nada explicar.

«Sob proposta do ministro das Finanças, com fundamento no artigo 11.º da lei n.º 1.424, de 15 de Maio de 1923: hei por bem, tendo ouvido o Conselho de Ministros, decretar o seguinte:

«É aberto no ministério das Finanças, e a seu favor, um crédito especial da quantia de 19.220.000\$, devendo esta importância ser inscrita no orçamento desse ministério para o corrente ano económico do 1922-1923, da seguinte forma:

Capítulo 1.º, artigo 1.º.—Juros: «Empréstimo interno consolidado de 6 1/4 por cento, criado pela lei n.º 1.424, de 15 de Maio de 1923»

1:170.000\$00

Capítulo 1.º, artigo 4.º.—Diferenças de câmbio: «Importância correspondente a 1:500 por cento dos encargos do fundo consolidado interno de 6 1/4 por cento, criado pela lei n.º 1.424, de 15 de Maio de 1923»

17:550.000\$00

Capítulo 18.º, artigo 57.º.—Junta do Crédito Público: «Material e diversas despesas, despesas preparatórias da emissão e colocação de títulos do fundo interno consolidado de 6 1/4 por cento, criado pela lei n.º 1.424, de 15 de Maio de 1923»

500.000\$00

Total . . . . . 19:220.000\$00

## PELO INQUILINATO!

A U. S. O. deliberou realizar mais sessões e um outro comício

Redimiu ontem o Conselho de Delegados com a representação dos seguintes organismos:

Sindicato dos Operários Barbeiros, Pastelheiros, União Têxtil, Operários do Município, S. U. da Construção Civil, Litógrafos e Anexos, S. U. Mobilidade, Calçateiros, S. U. Metalúrgico, Manufactores de Calçado, Tintureiros e Estampadores de Algodão e Lãs.

Apreciando os trabalhos a realizar para continuação do movimento em favor do inquilinato, foi resolvido promover-se novas sessões por bairros e outro grande comício público em que inquilinos e hóspedes apresentem as suas reclamações.

Resolveu-se ainda convidar os sindicatos a enviarem telegramas ao parlamento em que sintetissem o seu protesto contra os ambiciosos maneios dos senhorios.

### Operários Alfaiates

A assembleia geral, apreciando a circular n.º 3 da U. S. O., resolveu dar todo o apoio à moção aprovada no comício de domingo e acatar as resoluções que aquele organismo venha a tomar sobre a momentosa questão de defesa do inquilinato.

## EM ESPANHA

Reina tranquilidade, diz o ministro do interior

MADRID, 19.—O ministro do interior declarou que havia tranquilidade nas províncias, acrescentando que o governador de Barcelona chegou a esta cidade, tendo tido com ele uma larga conferência. Chegou também o capitão general da Catalunha, Primo de Rivera.

O sr. Almodar conferenciou pelo telefone com o governador interino de Barcelona, tendo-lhe este comunicado que já tinham saído para as ruas mais tranquilas, havendo tranquilidade e decoro normalmente o trabalho nos casais.

O marquês de Alhucemas despachou o soberano não tendo porém sido assinado qualquer decreto, depois confundiou com o governador geral de Barcelona e com o capitão Primo de Rivera.

## AINDA O HOSPICIO

Os homens do Instituto pretendem querelar A BATALHA pelas declarações de Alves Barata—Uma carta particular que veio a propósito

Aqueles cavalheiros do Instituto Comercial e Industrial de Coimbra, que não ficaram contentes com as duras verdades que A Batalha publicou e que ainda estão roendo algumas declarações de alguns dos nossos entrevistados, andam por lá a dizer à boca pequena que quer querelam este jornal—como se nós tivéssemos medo das querelas de quem não tem razão.

Parece que andam também a desvirar algumas frases soltas do estudante Alves Barata, que A Batalha recolheu tam fielmente quanto possível, sem lhes dar entretanto o carácter de entrevista.

Arrependidos estamos de em vez de juntar algumas palavras que marcassem levemente o espirito de blagueur daquele nosso amigo, não termos de preferência, com método, ter organizado realmente uma entrevista, para que esses comilhões do património dos engatados ouvissem das boas.

Por felicidade um nosso camarada de redacção recebeu um destes dias uma carta particular do sr. João Alves Barata, na qual refere ao assunto. Permittimo-nos—talvez abusando um pouco da confiança daquele nosso amigo—transcrever alguns períodos da aquela carta particular que se refere ao caso do Hospício. E trazemos a público essas declarações particulares e porque sabemos Alves Barata incapaz de desmentir qualquer opinião que esta fosse pública ou privada. Se os cavalheiros do Instituto pretendem também—conforme nos constou—responsabilizar Alves Barata pelas suas palavras, não se sirvam daquelas que a esmo publicamos há dias num tom de blagueur inofensiva, chamam de preferência sobre as que da referida carta vamos recortar que são mais duras de roer.

«Compreendo melhor a ventura na humidade e retraimento do dr. Santos do Hospício, do que na agitação tam procurada pelo dr. Pereira, do Instituto, com aquele feito metecido, e ao que se diz, com a preocupação formidável de se tornar em Coimbra, o grande barreira político.

O primeiro, tem por única ambição

estudar coisas de Crêches e tratar dos filhos dos outros, nada mais querendo senão do que o amigo carinhoso dos pobres enganados.

O segundo, com aquele feito e aquela preocupação, parece querer engulir todo o peixe do mar, agüenta porisso a crítica de tanta gente, e o certo é que, quasi se não distrai das arrel das pugnas com as canceiras dos seus 4 empregos. Por outro lado, se politicamente era pouco notável até aquela altura histórica em que um outro Pereira amigo pariu mais 20.000 empregados públicos, na verdade, depois disso, pouco mais conseguiu ser realmentente.

Algumas das frases que A Batalha reproduziu para definir a exaltação de Alves Barata perante o caso do Hospício, foram ouvidas num café de Coimbra por um nosso redactor que assistiu à scena que aquele nosso amigo tam bem descreve na sua carta:

«Entramos, certa noite, numerosos amigos, no Café. Logo de entrada saudaram-me uns políticos amigos que, por acaso da conversa me «obrigaram» a sentar junto deles, enquanto os nossos amigos tomavam uma outra bebida mais distante. Em dada altura parei que certo cidadão citava o meu nome entre exclamações estrondosas que atraíam a atenção de toda a frêquencia.

Como já estava informado que esse individuo propalava afirmações ultrajantes para a minha dignidade, aproximei-me imediatamente. E então, perante o assombro de todos os presentes, esse individuo declarou:

«Que as críticas por mim feitas do caso do Hospício, se fundavam no facto de haver escrito uma carta solicitando um lugar de professor, e de me ver desatendido na minha pretensão.

Recordo o embaraço, o sobressalto, que vi em todos os rostos.

Serenamente, porém, reclamando dos meus nervos uma serenidade que nem sempre têm, levantei-me e «perguntei-lhe se havia visto essa carta».

Responden «que não». Porém, que o caso lhe havia sido afirmado por varias pessoas.

Instado violentamente por mim, por todos os presentes, declarei a seguir, como sendo as pessoas que lhe haviam dito a calúnia, «um jornalista meu amigo e um individuo nomeado professor do Instituto, de que disse o nome».

E foi então que eu, indignadamente, declarei reputar burlesco, e não laudável, como se compreende, e entre coisas mais, os miseráveis cobardes que mandavam espalhar calúnias a meu respeito, no claro propósito de desautorizarem por essa maneira, as minhas honradas palavras de critica «serena e sincera» dos acontecimentos.

Por consequência, as minhas exclamações só podiam recair naquelas indelvidas cobardes, professores ou não do Instituto, que houvessem inventado a atordada no propósito infame de me nivelarem a certos descatagorizados proutos a venderem-se à primeira oferta.

A sua referência, pois, ás minhas exclamações indignadas, sobre os «homens do Instituto» está desta maneira esclarecida.

Poderosas razões determinam estas declarações.

Entre elas, porém, avulta a informação que há pouco me deu o dono da caneta com que lhe escrevo, — um aluno do Instituto que veio prevenir-me de que há quem queira querelar o se jornal por causa do caso.

Nessas condições, aqui assumo, inteira responsabilidade do que disse, nos precisos termos de verdade, que é tão claro e simples como atraz o apresentei.

E vá lá dito para que saibam como se defender-me, quantos libisneiros pensam que alguma coisa, além dos pedidos feitos a todos os meus amigos, por evitar a minha atitude digna nesta problema.

E para que saibam ainda que não hesito em pagar num pau, se tanto for preciso, para partir os dentes à calúnia

## Ultima noticina

# THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY

# CÂMARA MUNICIPAL

## questão do peixe

Reúnem ontem à noite em sessão plenária a vereação, tendo sido lido o parecer da comissão nomeada para tratar da questão do peixe, cujas conclusões são as seguintes:

«A Comissão entende que a Câmara, seguindo a prática já usada com sensível utilidade pelo Commissariado dos Abastecimentos, deve, por agora, contribuir para o fornecimento de peixe à cidade em melhores condições de preço pela seguinte forma:

- a) Adquirindo o pescado directamente dos industriais de pesca, ao preço médio da lota de cada dia, ou mesmo com desconto a esta;
- b) Estabelecendo postos de venda de peixe a peso e pelo preço da aquisição acrescido apenas das despesas inerentes quer nos seus mercados, quer nos talhoes municipais, ou ainda nos lugares onde convier;
- c) Fixando as condições para a execução deste serviço, segundo o espírito mercantil, com conta especial, e pessoal idóneo bem remunerado e sujeito a rigorosa fiscalização.»

Foi ainda tratada pelo sr. Moreira de Almeida Cruz a questão dos mercados

tendo apresentado três propostas que baixaram à comissão de estudo a fim de emitir o seu parecer.

**O ETNA**

**Continúa a erupção**

ROMA, 19.—A erupção do Etna redobrou de violência ameaçando muitas localidades próximas.

**A ocupação do Ruhr**

**Os franceses provocam a queda do marco**

BERLIM, 19.—Atribue-se a queda catastrófica do marco, a que os franceses se apoderaram, ultimamente nas regiões ocupadas de muitos milhões de marcos que lançaram bruscamente no mercado.

**A população condenada**

BERLIM, 19.—As provisões de leite, carne, batatas e gorduras, nas regiões

ocupadas estão seriamente ameaçadas porque os franco-belgas se apoderam destes productos alimentícios,

---

## A questão de Tanger

LONDRES, 19.—A conferência para resolver a questão de Tanger, cuja reunião o sr. Macneil anunciou na Câmara dos Comuns, parece que se inaugurará ainda nesta semana.

---

## A Rússia Soviética

Um congresso para o seu levantamento econômico

BERLIM, 19.—Reúniu o Congresso Internacional para o levantamento da Rússia, compreendendo 200 delegados alemães e estrangeiros. A reunião efectuou-se no palácio do Reichstag. Krestinski declarou que o levantamento da Rússia era absolutamente necessário para a economia mundial.

---

## As águas territoriais

Um acordo entre as potências marítimas

WASHINGTON, 19.—

marilimas estão dispostas a fazer uma política conjunta pondo de acordo os

seus pontos de vista acerca da questão das águas territoriais e do estabelecimento de 12 milhas em vez de 3 para seu limite.

---

## UM CONGRESSO ARABE

CAIRO, 10. — O Congresso árabe da Palestina, reunido em Jafsa decidiu por unanimidade não aceitar o tratado anglo-árabe referente à Palestina.

---

Fazendas para homem e senhora  
Vende VIRGILIO ARRAIMOA  
COVILHÃ

## CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

**Divisão de Via / Obras**  
**ARMAZENS**  
**Venda de barricas vazio:**  
 Esta Companhia recebe propostas até ao dia 15 de corrente para a venda de aproximadamente 1300 barricas vazias servidas a cimento, as quais se encontram depositadas na estação de Campolide — 1.ª Secção de Via e Obras — onde poderão ser examinadas.  
 A Companhia entregará as barricas no local onde se encontram depositadas e a vista do recibo passado pela Tesouraria (estação do Rossio) comprovando que foi efectuado o pagamento da importância respectiva.  
 As barricas deverão ser retiradas no prazo máximo de 15 dias, a contar da data em que o comprador for avisado da adjudicação.  
 As propostas, em carta fechada e

engenheiro em Chefe da Divisão de Vias e Obras — Armazens — em Santa Apolónia,

com a designação no envelope «Proposta para a compra de barricas vazias servidas a cimento».

Lisboa, 15 de Junho de 1923.

O Director Geral da Companhia  
(a) Ferreira de Mesquita

Fazendas para homem e senhora  
Vende VIRGILIO ARRAIANO  
COVILHÃ

# Memórias dum hóspede

POR CRISTIANO LIMA

Transcrevem-se os últimos períodos da novela que — este camarada de redacção acaba de publicar —

O nosso camarada Cristiano Lima escreveu para a «Novela Sucesso» um interessante trabalho literário a que deu o título de «Memórias dum hóspede». Pareceria favor todo o bem — realmente merecido — que dissemos do estilo vibrante e da vivacidade extraordinária que Cristiano Lima empresta aos originais assuntos que despretensamente caem da sua pena fecunda. Pareceria favor, porque Cristiano Lima está ligado a esta redacção pelo seu esforço cotidiano e pela sua amizade franca e sincera. Por isso nos limitamos a retranscrever os últimos períodos da «Memórias dum hóspede» e a transcrever para os leitores, por eles, fazerem uma ideia, embora pálida, de quanto vale esse trabalho.

A viscondessa, anda radiante, convencida da sua vitória...  
E' duma actividade incessante. Devido a suas maquinacões, os hóspedes, a noite, não descem a sala, para não contrariar as expansões dum amor em que todos acreditam. A porta da sala tornou-se sobre nós. A viscondessa assegura-nos que ninguém virá perturbá-los. Por meio de rodeios hábeis, consegue-me a que posso estar tranquilo. A Júlia sorre com a minha frieza. Procura expressões afectuosas, simulando que a sua presença me encanta. Impossível. Sou um namorado demasiado respeitador, não sei disfarçar o meu cuidado em não regressar a casa para que a família não reprecenda. Ela não compreende que seja eu quem me lembre das horas.

O seu olhar censura-me. Se preciso procurar a sua mão, ela abandona-me. Procuero tirar importância da concessão; busco graças para a desprender. Diante da censura muda que o tom triste do seu olhar exprime, retomo-a, leve-a, trêmula, aos lábios. Tento sorrir para desfazer toda a possibilidade de exatidão. E' inútil. A Júlia, magoadá

com a minha frieza, oculta a cabeça nas mãos, rompe a soluçar. E' demasiado. As suas lágrimas vibram nos meus nervos. E' a virgem sentida de amor, que se queixa, ferida pela minha impassibilidade.

Não posso furtar-me a uma forte sensação. Apodero-me da sua cabeça, tento ergu-la, suplico-lhe, enternecido, que não chore. A Júlia repete-me, rudemente, grite-me exasperada: deixa-me... deixa-me. A sua irritação surpreende-me. Tento novamente estancar-lhe as lágrimas. Só o consigo, beijando-a, acariciando-a.

As lágrimas cessam. Minutos depois nos meus braços a Júlia murmura-me num abandono do seu corpo, num confissão de alma:

— Tu não me queres... não me queres...

Nessa noite a minha vontade esteve prestes a estilhaçar-se, o irremediável aconteceu.

Tudo pareceu acabar satisfatoriamente. A Júlia mudou-se para o Dormitório. O abraço que ela me deu, chorando, no dia da sua mudança, moveu-me...

Um mês passou com aparente tranquilidade. Recebi quasi todos os dias cartas da Júlia. Não as leio... Para quê?

Se eu sei o que elas devem dizer... Queixas... suplicas... interrogações... dúvidas sobre o meu silêncio. Não as lido, afuguro-me que o meu silêncio já está encerrado nos envelopes.

Quinze dias passaram... Os acontecimentos complicaram-se. A Adélia e o João Ribeiro narraram-me uma medonhíssima intriga que põe a alma a nua e a complicada da viscondessa. Foi, no meio de grandes exclamações de indignação, que eu soube da tormenta que se ia desencadear...

A Júlia escreveu a madrinha, narrando-lhe o meu silêncio, pedindo-lhe que investigasse das suas razões. A viscondessa respondeu-me que o meu silêncio era motivado pelo

receio de me comprometer. Eu tinha um plano: rapta-la.

Como foi possível que a Júlia acreditasse semelhante intriga? Corro ao meu quarto, busco entre os papéis a sua última carta. Abro-a, leio-a rapidamente.

Sente-se claramente que o autor, não facilmente conseguiu pôr em cena uma peça mais completa sob o ponto de vista de técnica e de forma literária.

António Guimarães não fez pior do que costumam fazer outros dramaturgos, em matéria de teatro regional e tem até o bom senso de não ir buscar a designação do regionalismo ao seu trabalho modesto.

O que é isto de teatro regional, no critério dos comedidlogos até agora em destaque neste género de teatro? Uma mingua, que não se perdoa em pessoas que tem obrigação de ser ilustradas e para quem o regionalismo devia ser mais alguma coisa do que o x-x-x da pronúncia que tanto tem servido para pôr em foco a classe rural de Vila do Conde como a de Portimão?

O que menos interessa no regionalismo é o sotaque das frases e a isso se tem reduzido (?) o teatro dos nossos autores dramáticos.

Na tradição, no traço étnico, pouco se fala e o cenário que pinta os interiores de Trás-os-Montes, serve também para nos dar o lar humilde do camponês ribatejo...

Isto não é teatro regional, é, quando muito, uma mascarada regional em que, por baixo dos fatos variados dos costumes minhoto ou alentejano se descobre sem custo a meia sedea da Casa

de Alentejo.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

## A BATALHA

## TEATROS

Teatro Avenida

A festa de Alexandre de Azevedo, com A FLOR DE MAIO

Não é para deixar fora, como se diria em gíria a peça de António Guimarães «A flor de Maio» que Alexandre de Azevedo escolheu para a sua festa artística.

Sente-se claramente que o autor, não facilmente conseguiu pôr em cena uma peça mais completa sob o ponto de vista de técnica e de forma literária. António Guimarães não fez pior do que costumam fazer outros dramaturgos, em matéria de teatro regional e tem até o bom senso de não ir buscar a designação do regionalismo ao seu trabalho modesto.

O que é isto de teatro regional, no critério dos comedidlogos até agora em destaque neste género de teatro? Uma mingua, que não se perdoa em pessoas que tem obrigação de ser ilustradas e para quem o regionalismo devia ser mais alguma coisa do que o x-x-x da pronúncia que tanto tem servido para pôr em foco a classe rural de Vila do Conde como a de Portimão?

O que menos interessa no regionalismo é o sotaque das frases e a isso se tem reduzido (?) o teatro dos nossos autores dramáticos.

Na tradição, no traço étnico, pouco se fala e o cenário que pinta os interiores de Trás-os-Montes, serve também para nos dar o lar humilde do camponês ribatejo...

Isto não é teatro regional, é, quando muito, uma mascarada regional em que, por baixo dos fatos variados dos costumes minhoto ou alentejano se descobre sem custo a meia sedea da Casa

de Alentejo.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

Chove. O moço segue diante de mim, como um cego, resignado sob a chuva que tomba impiedosa dum céu negro e hostil.

Eu caminhaço apressado e indeciso. Para onde farei conduzir a minha mala? Onde irei dormir?

E os dois, eu e o moço, perseguidos pela chuva, fugitivos pelo vento, vamos caminhando, apressadamente, sem nos determos, silenciosos e desolados.

— Que pena ter de se afastar! Era tão bom rapaz!

Na rua, relanceio numa despedida muda, um olhar a habitação. Havia luz no quarto de Adélia. Através das cortinas vejo dois vultos moverem-se...

# AGENDA DE A BATALHA

## CALENDÁRIO DE JUNHO

| S. | 1 | 8  | 15 | 22 | 29 | HOJE O SOL          |
|----|---|----|----|----|----|---------------------|
| S. | 2 | 9  | 16 | 23 | 30 | Aparece às 5,12     |
| D. | 3 | 10 | 17 | 24 |    | Desaparece às 20,04 |
| S. | 4 | 11 | 18 | 25 |    | FASES DA LUA        |
| T. | 5 | 12 | 19 | 26 |    | Q. C. da 1ª a 9,19  |
| Q. | 6 | 13 | 20 | 27 |    | Q. C. da 1ª a 12,42 |
| Q. | 7 | 14 | 21 | 28 |    | Q. N. da 1ª a 15,24 |

### MARÉS DE HOJE

Baixa-mar às 6,46 e às 7,12  
 Pôr-do-sol às 0,00 e às 0,16

### CAMBIO

| Países     | Mos-      | As    | Comp.  | Venda  |
|------------|-----------|-------|--------|--------|
| Alemanha   | Marco     | 4325  | 0,10   | 0,18   |
| Austria    | Schilling | 13,1  | 1,003  | 1,001  |
| Belgica    | Francos   | 117,5 | 5,940  | 5,938  |
| Espanha    | Pesetas   | 166,6 | 20,436 | 20,433 |
| E. U. A.   | Dollars   | 17,8  | 1,271  | 1,267  |
| Francia    | Francos   | 437,2 | 5,940  | 5,938  |
| Holanda    | Florins   | 1,3   | 0,007  | 0,007  |
| Inglaterra | Libras    | 483   | 9,903  | 9,900  |
| Italia     | Liras     | 117,8 | 8,951  | 8,947  |
| Suecia     | Coronas   | 117,8 | 5,940  | 5,938  |

### CARTAZ

S. CARLOS - A's 21,15 - A Rajadas. NACIONAL - Não há espetáculo.  
 AVENIDA - A's 21,15 - Flor do Mal.  
 FORTUNA - A's 21,15 - Filha de Lazaros.  
 APOLO - A's 21,15 - O meu homem.  
 EDEN TEATRO - A's 20,45 e 22,45 - Ceu Aberto.  
 COLISEU - A's 21,15 - Grandioso sarau da Imprensa.  
 GIL VICENTE - A's 21 - Domingo, 17, segunda, 18 - Flor.  
 S. LUIS - A's 20,30 - A fita Os Lobos e Variedades.  
 SALAO POZ - A's 21,30 - Animatografado.  
 CHADO TERRASSE - A's 14 e 20 - Animatografado.  
 OLIMPIA - Animatografado.  
 CONDES (Avenida) - Animatografado.  
 CENTRAL (Avenida) - Animatografado.  
 CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) - Animatografado.  
 IDEAL (Loreto) - Animatografado.  
 ROSIO (Avenida) - Animatografado.  
 CHATEAU (Avenida) - Animatografado.  
 PROMOTORA (ao Calvário) - Animatografado.  
 EDEN-CINEMA (Alcantara) - Animatografado.

### MOVIMENTO MARITIMO

| Vapores e destinos                                                     | Dias |
|------------------------------------------------------------------------|------|
| Ganda, Funchal e portos de Africa.                                     | 20   |
| Cap. Polonio, portos do Brasil e Rio de Janeiro.                       | 20   |
| Pedro Gomes, Funchal e portos de Africa.                               | 20   |
| Halgan, Macéio, Rio de Janeiro, Santos, Buenos Aires e Rio de Janeiro. | 20   |
| Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos.            | 22   |
| Boimma, Bissau e Bolina.                                               | 22   |
| Poniche, Leixões, Funchal e portos de Africa.                          | 25   |
| Halgan, Macéio, Rio de Janeiro, Santos, Buenos Aires e Rio de Janeiro. | 26   |
| Wangon, Rotterdam e Hamburgo.                                          | 26   |
| Alger, Jafia, Beyrouth e Marsela.                                      | 27   |
| Arizana, Vigo, Cherbourg e Southampton.                                | 27   |

### EM JULHO

|                                                                                                                                 |   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---|
| Flandria, Las Palmas, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Argentina.                                               | 2 |
| Farmose, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Argentina.                                                                        | 2 |
| Adolf, Wernmarm, Tenerife, Las Palmas, Cádiz, Lobos, Cádiz, Cabo, Port Elizabeth, East London, Natal, Lourenço Marques e Beira. | 4 |
| Arifred, Tenerife, Las Palmas, Grand Bassa, Roma e Metadi.                                                                      | 5 |

### HORARIO DOS COMBOIOS

Paris-Calaiz-Londres  
 Partida do Sud-Express às 12-25. - Chegada às 19-20.  
 Madrid-Paris (Directo)  
 Partida do Rosio às 11-40 (às segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo). - Chegada às 15-15 (às segundas, quartas e sábados, com lugares de luxo).  
 Porto-Galiza  
 Partidas do Rosio às 3-40, 18-40 e 21-0.  
 Chegadas às 17-50, 10-45 e 9-11. - Rápidos:  
 Partidas às terças, quintas e sábados às 8-30 e 17-20. - Chegadas às segundas, quartas e sábados às 12-20 e 22-45. - Sud-Express: Partida às 12-25. - Chegada às 19-20.  
 Elvas, Badajoz e Sevilha  
 Partida do Rosio às 21-30. - Chegada às 5-45.  
 O. Branco, Ovilhã e Guarda  
 Partidas do Rosio às 9-40 e 21-30. - Chegadas às 5-45 e 17-50.  
 Torres, Caldas, Figueira, Alfaiates e...  
 Partidas do Rosio às 8-15 e 17-40. - Chegadas às 10-45 e 9-53. - Directo às Caldas: Partida às 18-10. - Chegada às 10-20.  
 Vendas Novas e Vila Real de Santo Antonio  
 Partida do Rosio às 6. - Chegada às 22-20.  
 Nos dias úteis - Partidas do Rosio às 1-10, 6-10, 10-30, 14-30, 18-30, 19-30, 20-30 e 21-30.  
 Chegadas a Sintra, às 2-04, 7-30, 11-15, 11-20, 15-30, 19-30, 19-34, 19-47, 19-52, 20-03, 21-02 e 0-07.  
 Partidas de Sintra às 0-15, 6-00, 7-30, 8-20, 9-45, 12-00, 13-30, 15-30, 16-30, 18-15, 19-32 e 22-40.  
 Chegadas ao Rosio às 1-12, 7-04, 8-28, 9-20, 10-10, 13-02, 14-12, 16-34, 17-33, 18-47, 19-30 e 25-38.  
 Aos sábados, o comboio que sai de Lisboa às 12-53 é substituído por outro que sai às 16 e chega a Sintra às 18-00.  
 Aos domingos - Partidas do Rosio às 1-10, 6-10, 9-07, 10-50, 11-33, 12-15, 12-30, 12-57, 19-35, 21-10 e 25.  
 Chegadas a Sintra, às 2-54, 7-20, 10-22, 11-15, 11-28, 15-30, 19-35, 19-39, 19-51, 21-02, 22-14 e 0-07.  
 Partidas de Sintra às 0-15, 6-00, 7-30, 8-20, 9-45, 12-01, 13-30, 15-30, 16-30, 18-15, 19-32 e 22-40.  
 Chegadas ao Rosio às 1-12, 7-04, 8-28, 9-20, 10-10, 13-02, 14-12, 16-34, 17-33, 18-47, 19-30 e 25-38.  
 Queluz  
 Partidas do Rosio às 7-30, 8-50, 17-50 e 18-47. - Chegadas a Queluz às 8-05, 9-30, 18-00 e 18-45.  
 Partidas de Queluz às 8-40, 9-40, 18-10 e 18-35. - Chegadas ao Rosio, às 9-11, 10-10, 18-35 e 19-35.  
 Aos domingos há um comboio que sai do Rosio, às 7-30, chega a Queluz às 8-05 e chega ao Rosio às 9-11.  
 Vila Franca do Xira  
 Partidas do Rosio às 6-00, 6-40, 8-51, 12-25, 18-02 e 19-40. - Chegadas a Vila Franca do Xira às 7-30, 10-16, 14-45, 19-12 e 21-00.  
 Partidas de Vila Franca do Xira às 6-10, 8-10, 15-00, 18-00, 22-00 e 23-15. - Chegadas ao Rosio às 6-53, 9-02 e 19-10.  
 Santa Iria  
 Partidas do Rosio às 22-43, chega a Santa Iria às 23-45, regressa de Santa Iria às 23-53 e chega ao Rosio às 0-10.  
 Parte do Rosio às 22-43, chega a Santa Iria às 23-45, regressa de Santa Iria às 23-53 e chega ao Rosio às 0-10.  
 Partidas do Cais dos Soldados, nos dias úteis, às 7-50 e 17-50 e de Brago de Prata às 7-10, 9-25 e 18-00. - O percurso destes comboios é feito em 10 minutos.

# Obras de literatura, sciencia e ensino

(A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA)

|                                                   |                                                                          |       |       |
|---------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|-------|-------|
| Adolfo Lima                                       | Costas de Laar.....                                                      | 5800  | 5870  |
| Educação e ensino.....                            | Os habitantes dos outros mundos (2 v.).....                              | 2400  | 2440  |
| O ensino da História.....                         | Fontenelle - Pluralidade dos mundos (2 v.).....                          | 2400  | 2450  |
| O ensino da Geografia.....                        | Gorki:                                                                   |       |       |
| Alfredo Neves Dias - Razão (poema social).....    | Os vagabundos.....                                                       | 5800  | 5870  |
| Benazzi - Criação e vida.....                     | Guerra Junqueira - A Velhice do Padre Eterno (encadernação de luxo)..... | 10400 | 10480 |
| Binet-Sanglé - A Loucura de Jesus.....            | Brochado.....                                                            | 7600  | 7670  |
| Charles Darwin - Origem das espécies.....         | Jaime Cortesão - Adão e Eva (teatro).....                                | 5800  | 5840  |
| Buonkré:                                          | Italia azul.....                                                         | 5800  | 5850  |
| O homem segundo a sciencia Luz e Vida (2 v.)..... | Jean Finot - A Sciencia da Felicidade.....                               | 1400  | 1440  |
| Celestino do Sousa:                               | Laizans - Iniciação matemática.....                                      | 5800  | 5840  |
| Aravena da História.....                          | Malvert - Sciencia e Religião.....                                       | 4400  | 4450  |
| Movimentos revolucionários.....                   | Neno Vasco - O Pecado de Simão.....                                      | 830   | 840   |
| A revolução francesa.....                         | Oriando Marçal:                                                          |       |       |
| Deschambert - Jesus de Nazaré.....                | Agua clara.....                                                          | 5800  | 5850  |
| Denoy - Descendentes do macaco.....               | Imagens do sonho e da ventura.....                                       | 1600  | 1630  |
| Egas Moniz - A Vida Sexual.....                   | Pargame:                                                                 |       |       |
| Eça de Queiroz: (*)                               | Origem da Vida.....                                                      | 5800  | 5840  |
| O Primo Basílio.....                              | Reinach - História das religiões.....                                    | 2400  | 2450  |
| O Mandarim.....                                   | Spencer:                                                                 |       |       |
| Os Males (2 vol.).....                            | Educação intelectual, moral e física.....                                | 5800  | 5880  |
| A Religião.....                                   | Toistol:                                                                 |       |       |
| Dollars.....                                      | Sonata de Kreutzer.....                                                  | 5800  | 5870  |
| Uma Cidade e as Serras.....                       | O canto do cisne.....                                                    | 3800  | 3870  |
| Pradigue Mendes.....                              | Toulousse - Como se deve educar o espirito.....                          | 2450  | 2490  |
| Prosas Barbas.....                                | Vitor Hugo:                                                              |       |       |
| Prosas Barbas.....                                | Francisco Belizão (2 v.).....                                            | 6800  | 7000  |
| Prosas Barbas.....                                | Novena e três (2 vol.).....                                              | 6800  | 6850  |
| Prosas Barbas.....                                | Novena que (3 vol.).....                                                 | 12800 | 12840 |
| Prosas Barbas.....                                | O Bêno (2 v.).....                                                       | 10800 | 11180 |
| Prosas Barbas.....                                | Os miseráveis (2 grossos volumes encadernados).....                      | 52850 | 53000 |
| Prosas Barbas.....                                | Zola:                                                                    |       |       |
| Prosas Barbas.....                                | Tereza Raquin.....                                                       | 5800  | 5840  |
| Prosas Barbas.....                                | Alegria de viver (2 vol.).....                                           | 6800  | 6870  |
| Prosas Barbas.....                                | Academia da Pissana (2 v.).....                                          | 6800  | 6870  |
| Prosas Barbas.....                                | Fortuna dos Rougons (2 vol.).....                                        | 6800  | 6870  |
| Prosas Barbas.....                                | Uma página de amor.....                                                  | 5800  | 5850  |

Para registro mais 25 centavos

## Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

# Belsaúde VITERI

## Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prático dos inhaladores;  
 2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfume o hálito e evita a catarre dentária e por todas as pessoas que tem de supprimir odores indesejados porque as defende de contágios perigosos;  
 3.º É usado pelas pessoas doentes, pelas asthmas e os que sofrem de bronquites, porque limpando o pigarro abre-lhes o apetite e permito-lhes logo respirar e aguilhoar o combate a rouquidão, alivia a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público!

### O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenua a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o catarro crónico;  
 6.º Desentorpece o aparelho faringeo, activa as faulezas intelectuais, evitando o surrante cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;  
 7.º Usadas pelas que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque o fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, perna, e assim das doenças contagiosas, tais como tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, sifilis, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

### PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 2500 esc. Fórmula n.º 2 (forte) cart. 2550 esc. Fórmula n.º 3 (fortissimo) cart. 3500 esc.

Depósito dos preparados com selo VITERI:

**Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª**

Rua dos Fanqueiros, 84, L.º D.

Vende-se nas boas farmácias e drogarias

# Fatos completos e sobretudos

prontos a vestir, em boas fazendas, com bons forros, para homem, desde 89\$500 a 199\$500

Impermeáveis ingleses com cinto e capuz, desde 129\$500

Capas alentejanas desde 129\$500

Calças desde 25\$500

Vestir bem e barato SÓ NO

**Chaves**

DO Conde Barão

Fato feito e por medida para homem e rapaz

70, Rua da Boa Vista, 172

# A BATALHA

Camaradas: é o n.º 60 da Rua Arco Marquês de Alegrete onde encontram calçado em todas as qualidades e por preços sem comparação. Fazem-se medidas e concertos.

VÃO LÁ! - VÃO LÁ!

**Os I. W. W.**

na

**teoria e na prática**

1 volume com 164 páginas

**Preço 1\$50**

Pelo correio registado 1\$70

Pedidos à administração de A BATALHA

# Calçado

## Grandes abatimentos Sapataria do Calhariz

(em frente da Rua das Chagas)

em todos os calçados existentes

**A 25\$00**

SAPATOS de camurça preta, para senhora, cujo valor é 35\$00.

**A 32\$50**

SAPATOS de calf de cor, fôrma da moda, para homem, cujo valor é 50\$00.

**A 22\$50**

GRANDE lote de sapatos de camurça de cor para senhora, cujo valor é de 30\$00.

**A 20\$00**

UM grande lote de sapatos para senhora em esplêndido chevron preto, com salto à francesa, cujo valor é de 30\$00.

**A 49\$00**

GRANDE lote de botas em superior calf de cor, cujo valor é de 60\$00.

**A 30\$00**

GRANDE lote de sapatos de verniz, presilhas traçadas, salto Luis XV, cujo valor é de 40\$00.

**A 27\$50**

SAPATOS para senhora, em superior calf de cor, abotinados, Carlos IX, salto de sola, cujo valor é 38\$00.

**SANDALIAS**

GRANDE SORTIMENTO com grandes diferenças de preços.

**PARA FOOT-BALL**

Vendemos todos estes calçados - 30 a 40 % mais barato -

Grande sortimento em calçados casuais, de todas as qualidades, moutucas, calçados das mais recentes novidades para homens, senhoras e crianças, que tudo se vende com grandes diferenças de preços.

A todo o cliente que no acto da compra apresentar este anúncio um bônus de 5 %.

## Sapataria do Calhariz

Largo do Calhariz, 33

(em frente da Rua das Chagas)

## DICIONARIO DA Língua Portuguesa

por Cândido de Figueiredo

O mais completo até hoje publicado

Preço 120\$00

Pelo correio mais 3 escudos

Pedidos à administração de A BATALHA

Tratamento do reumatismo, gôta, nevralgia sciática, das doenças de senhoras, da pele, do aparelho circulatório-linfático - doenças do aparelho gástrico intestinal, etc.

## Reumatismo

Sifilítico, Blenorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina" 24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina" E' inofensiva porque não exige dieta

"Reumatina" Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Preço 8\$00

## Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorrrias crônicas e recuentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

**Caixa 10\$00**

Depósito Geral:

**A. Costa Coelho**  
 Bomjardim, 440 - PORTO

# Publicações sociológicas

A' venda na Secção de Livraria de A BATALHA

|                                                                                         |      |      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|------|------|
| Organização Social Sindicalista - A Rússia bolchevica                                   | 2800 | 2850 |
| A. Sarmiento - A moral do jovem sindicalista                                            | 635  | 635  |
| A Comunidade                                                                            |      |      |
| A maçonaria e o proletariado                                                            | 850  | 840  |
| O Proletariado Histórico                                                                | 875  | 1400 |
| Agência Lux:                                                                            |      |      |
| O Sindicalismo e os intelectuais                                                        | 650  | 660  |
| Brian - A greve geral                                                                   | 650  | 660  |
| Carlos Rates - A ditadura do Proletariado                                               | 650  | 670  |
| Colio Ferraria - Os partidos políticos                                                  | 1600 | 1640 |
| Chueca - Como não ser anarquista                                                        | 420  | 430  |
| Sr. Albert - O amor livre                                                               | 2400 | 2400 |
| Conte - Contra o confucionismo                                                          | 600  | 630  |
| Albert Williams - 70 perguntas e respostas sobre os bolchevistas e os soviéticos        | 850  | 840  |
| Dufour - O socialismo e a próxima revolução (2 vol.)                                    | 4400 | 4400 |
| Emilio Bossi - Cristo nunca existiu                                                     | 2400 | 2460 |
| Eliseu Reclus - A evolução social e a anarquia                                          | 450  | 440  |
| Elisabacher - O anarquismo da Europa                                                    | 2400 | 2460 |
| Elisabacher - A minha defesa                                                            | 430  | 450  |
| Geo. Williams - Relatório dos delegados do I. W. W. ao congresso do I. S. V. de Moscovo | 650  | 670  |
| Gladiador - A questão social no Brasil                                                  | 650  | 1600 |
| G. O. N. W. - Proclamação consciente                                                    | 625  | 655  |
| Gustavo Molinari - Problemas sociais                                                    | 160  | 1640 |
| Gustavo Le Bon:                                                                         |      |      |
| As primeiras consequências da guerra (4)                                                | 5400 | 5450 |
| Ensaio de psicologia da guerra europeia (4)                                             | 5400 | 5460 |
| Guyau - Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção                                      | 5400 | 5440 |
| Educação e Hereditariedade (4)                                                          | 2400 | 2450 |
| Hamon:                                                                                  |      |      |
| A conferência da Paz e a sua obra                                                       | 2450 | 2460 |
| Asilões da guerra mundial                                                               | 4800 | 4870 |
| O movimento operário na Grã-Bretanha                                                    | 2450 | 2460 |
| Psicologia do socialista-aanarquista                                                    | 2450 | 2460 |
| A fase do Socialismo                                                                    | 2450 | 2470 |
| Helicoro Salgado                                                                        |      |      |
| O cutro da imbecilidade                                                                 | 4850 | 5000 |
| Mentiras religiosas                                                                     | 4850 | 5000 |
| Registado mais 25 centavos                                                              |      |      |

## IMPORTANTE

### SEGUROS MARITIMOS

"A MUNDIAL" participa a todos os seus clientes que celebrou contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes. Dirija-se a



**A MUNDIAL**

COMPANHIA DE SEGUROS